

DOSSIÊ ESTUDOS SEMÂNTICOS

APRESENTAÇÃO

Maria José Foltran*

Os trabalhos que integram este dossiê foram apresentados no II *Workshop de Semântica*, realizado na USP em agosto de 2001, coordenado pela professora Ana Lúcia Müller. O encontro contou com a presença da ilustre semanticista Barbara Partee e agregou pesquisadores de diferentes instituições. Houve um entendimento do grupo de que as apresentações feitas ali deveriam ser reunidas numa publicação para não se perder a riqueza da discussão e registrar-se, assim, um conjunto de trabalhos desenvolvidos a partir de uma ótica semântica, tomado por base os dados do português brasileiro na sua grande maioria. É com essa intenção que este dossiê foi organizado.

O *Workshop de Semântica* possibilitou o encontro de alguns semanticistas brasileiros que integram o Grupo de Semântica, cuja formação é historiada por Pires de Oliveira (2001), nesta mesma revista. Esse grupo começou a se juntar a partir de uma necessidade de criar um fórum que possibilitasse aprofundar uma discussão dos pressupostos teóricos a serem assumidos com vistas a uma parceria acadêmica que viesse a enriquecer a área de semântica de orientação formal no Brasil. Pelos resultados já apresentados anteriormente (ver a *Revista Letras*, n. 55) e por meio dos trabalhos expostos aqui, o leitor poderá comprovar que o grupo está sendo bem sucedido na caminhada para atingir esses objetivos. Na ocasião, estiveram presentes outros pesquisadores que nunca haviam

* Universidade Federal do Paraná.

se juntado ao grupo e que trouxeram contribuições valiosas para a área de estudos semânticos, comprovando, assim, que esse é um terreno promissor na pesquisa lingüística brasileira.

Como o *Workshop* não foi temático, pode-se observar que os artigos se voltam para objetos bastante distintos. No entanto, é possível identificar uma tendência, já registrada em Pires de Oliveira (2001), de que os trabalhos do grupo revelam especialmente duas áreas de interesse: a semântica de eventos e a semântica de nominais. Esta apresentação tem como meta traçar alguns paralelos entre pontos que são articuláveis nos diferentes trabalhos, apesar da diversidade que se pode observar.

A teoria de eventos, inaugurada por Davidson (1980), propõe que as sentenças têm uma variável evento a par com os demais argumentos: enquanto os sintagmas nominais são a denotação de uma entidade, as sentenças descrevem eventos. O evento ganha, portanto, estatuto de entidades individualizáveis, abrindo mais um lugar no predicado. Essa propriedade, para Davidson, se aplica somente aos verbos de ação. A teoria davidsoniana é ampliada por Parsons (1990), que estende a propriedade também aos predicados que não são de ação, tomando o evento como primitivo que apresenta propriedades como a de ter agente, paciente etc. Essa teoria passa a ter formulações diferentes também no trabalho de Kratzer (ver Kratzer 2000, por exemplo). A sentença passa a ter uma quantificação sobre eventos que pode ser introduzida por advérbios, auxiliares, afixos, estrutura argumental etc. Bach et al. (1995) denominam essa quantificação de quantificação-A, oposta à quantificação-D, que se dá sobre o sintagma nominal. Tendo como referencial a noção de eventos, os artigos de Polli, Foltran, Wachowicz e Borges Neto abordam aspectos empíricos e teóricos.

Polli analisa os advérbios celerativos do português brasileiro e observa a propriedade de distribuírem ou não sua predicação sobre eventos de VP, conforme a posição em que aparecem na sentença. Esses advérbios seriam subespecificados quanto a um traço semântico [Dist], que diz respeito à distribuição. Se possuem o traço [+Dist] são gerados internamente a VP e realizam a distribuição de sua predicação sobre a variável de evento. Contudo, quando não apresentam esse traço, são gerados fora de VP e, pelo fato de não predicarem sobre a variável de evento, alteram a interpretação individual dos eventos para uma interpretação coletiva. O trabalho de Polli se diferencia dos demais por tratar a variável evento não como um objeto que se projeta numa categoria funcional, tendo a gramática gerativa como pano de fundo.

Em Foltran, há a preocupação de dar conta de sentenças que emparelham dois eventos, conhecidas como construções de predicação secundária. O predicado secundário canônico é sempre do tipo *stage-level*. No trabalho apre-

sentado neste dossiê, Foltran procura explicar, por meio de uma teoria baseada em intervalos de tempo, por que alguns predicados não podem ocorrer nesse tipo de construção, embora sendo do tipo stage-level. A distinção *stage-level/individual-level* traduz outra propriedade significativa dos eventos que tem a ver com sua natureza temporal, ou seja, transitoriedade ou propriedade de permanência.

O fato de os significados dos verbos terem uma estrutura aspectual e temporal não é novidade na literatura lingüística. Apesar de a terminologia associada a essa questão ser muito diversificada, podemos identificar aí a preocupação com algumas propriedades como as de o evento ter ou não um limite ou ponto final, ser cumulativo, ser homogêneo etc. A preocupação com essas propriedades aparece em Wachowicz. A autora mostra que, além do valor aspectual imperfectivo, o progressivo, no português brasileiro, exibe variação de leitura episódica, iterativa e habitual e procura testar essas leituras com falantes nativos. A partir dos resultados, defende que as diferentes leituras aspectuais dependem de um tratamento composicional de aspecto e que esse tratamento composicional deve levar em conta as relações temáticas da sentença.

A questão abordada por Borges Neto é de natureza mais teórica. Levanta a questão da representação em forma lógica que possa dar conta da ambigüidade que decorre de uma construção de verbo finito + gerúndio. Uma sentença como Pedro trabalha cantando ópera pode significar que Pedro canta ópera enquanto trabalha ou que o trabalho de Pedro é cantar ópera. Observa que a forma lógica, no entanto, não consegue traduzir essa ambigüidade, ou seja, que consiga mostrar que, num caso, o gerúndio constitui um evento autônomo e, em outro, denota um “quase-evento”, que apenas especifica o evento principal. A intenção do autor é de provocar o debate em torno de uma representação formal mais adequada.

Embora, no quadro teórico da morfologia derivacional, o trabalho de Lemle recorre a uma noção recorrente da teoria de eventos: a causação. A autora investiga as peculiaridades de alguns sufixos formadores de verbo e busca os critérios de seleção semântica que restringem a combinação entre raízes e sufixos. Observa que os traços [causa interna] e [causa externa] na raiz do verbo são relevantes no processo de derivação. Além disso, procura estabelecer um princípio de conexão entre a semântica e a sintaxe capaz de determinar a transitividade/intransitividade do verbo derivado.

O trabalho de Duarte de Oliveira, apesar de se restringir a um tratamento sintático, discute certas propriedades semânticas de sintagmas verbais da língua ibíbio (do tronco Niger-Congo-Nigéria): certos traços semânticos do complemento do verbo têm reflexos na sintaxe da língua. A autora mostra que os

traços-φ de concordância do sujeito, quando checados na categoria Tempo, permanecem visíveis em forma fonológica. Já os traços-φ de concordância de objeto só permanecem visíveis em forma fonológica quando o complemento possui o traço semântico [+ humano]. É o único trabalho desse dossier que não toma o português como objeto de estudo.

Restritos à semântica do sintagma nominal, estão os artigos de Müller e Viotti. Müller questiona a manutenção de um Parâmetro de Mapeamento Nominal, proposto por Chierchia (1998), que permite uma tipologia de línguas. Avalia o comportamento do português brasileiro frente a esse parâmetro, questionando a sua sustentação. Viotti investiga o efeito de definitude que se atribui às sentenças existenciais. Apresenta as condições impostas pela definitude, ligadas à função pragmática dessas sentenças e questiona a conexão entre a sua estrutura sintática e o efeito de definitude. Isso lhe permite sugerir explicações para as assimetrias existentes entre o português e o inglês em relação a essas estruturas sentenciais.

Embora diversificados nas abordagens que apresentam, é possível encontrar pontos que remetem para algumas noções comuns. Estabelecemos alguns, aqui, mas seria possível apontar outras aproximações. A diversidade, no entanto, enriquece o debate e propicia a difusão de um maior número de questões. Reunir os trabalhos numa mesma publicação favorece o confronto e permite avanços. Tudo isso torna a organização deste dossier extremamente importante para a divulgação da pesquisa na área de semântica. Seguem os artigos apresentados aqui.

REFERÊNCIAS

- BACH, E. et al. *Quantification in Natural Language*. Dordrecht: Kluwer, 1995.
- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, n. 6, p. 339-405, 1998.
- DAVIDSON, D. The logical form of action sentences. In: _____. *Essays on action and events*. Oxford: Caredon Press, 1980.
- KRATZER, A. *Verb meaning*. 2000. Mimeog.
- PARSONS, T. *Events in the semantics of English. A study in subatomic semantics*. Cambridge: MIT Press, 1994.

OLIVEIRA, R. P. de. Apresentação (semântica de eventos e semântica de nominais). *Revista Letras*, Curitiba, n. 55, p. 117-128, 2001.